

Consultoria prevê adoção de plano até janeiro

SÃO PAULO — O Governo deve adotar, entre outubro e janeiro, um plano de estabilização sustentado por algum tipo de âncora cambial e por uma prefixação de preços negociada. Essa é a previsão do relatório "Risco Brasil", elaborado pela Boucinhas & Campos Consultores com base no cruzamento entre indicadores econômicos e o noticiário político e econômico.

— Ou a equipe econômica derruba a inflação ou será derrubada por ela — afirmou Sérgio Abranches, cientista social e editor do relatório, acrescentando que o relatório prevê uma dolarização bem mais flexível que a da Argentina, com o câmbio prefixado servindo como referência para os demais preços.

Voltado para empresas que

querem programar estratégias de mercado e investimentos, o relatório mostra que os riscos do país estão concentrados nas áreas operacional (40%) e política (40%). Na área operacional, segundo o trabalho da Boucinha & Campos, o risco é alto em função da dificuldade de controle da inflação e das expectativas geradas em torno do novo plano econômico, que deverá conter medi-

das de desindexação gradual da economia. Já na área política, as preocupações são geradas pelo fato de o Governo ser conduzido por forças heterogêneas e pelo clientelismo instalado no Congresso Nacional.

— Esses fatores contribuem para reduzir a credibilidade nas instituições. O caminho seria o Governo procurar ser mais ho-

mogêneo, mesmo que deixe de fora alguns setores do PMDB — disse Abranches.

O relatório mostra que a área externa é a que menos preocupa, correspondendo a apenas 20% do risco dimensionado para o país. Isso porque o Brasil deve manter as facilidades de remessas para o exterior, possui um bom nível de reservas cambiais

e uma pauta de exportações diversificada. Outro ponto favorável é a renegociação da dívida externa, em estágio avançado.

— Os maiores riscos do Brasil se concentram no curto prazo, pois os movimentos estruturais mantêm uma trajetória favorável. É uma situação inversa à do México, por exemplo, que só deve enfrentar problemas a médio prazo — comentou Abranches.